

Não à gerência do curto prazo

por Pedro Lobato
de Belo Horizonte

Os empresários mineiros que participaram, ontem, do seminário "Repensando '82" chegaram com facilidade a um consenso sobre vários dos temas discutidos. Em primeiro lugar, concordou-se em que é tempo de se acabar com a administração econômica de curto prazo, que, nas palavras de um dos participantes, "só serve mesmo para se pular de recessão em recessão, sem deixar margem para o planejamento ou, mesmo, para se arquitetar uma saída duradoura para a crise".

Tal administração de curto prazo teria, na opinião de João Lúcio de Freitas, diretor da Cimetal Siderurgia, o inconveniente de levar o governo a manipular uma gama cada vez mais restrita de instrumentos. "Se se continuar trabalhando com espaço curto e com tão poucos instrumentos — basicamente são os de crédito —, dificilmente se conseguirá dar um encaminhamento mais consistente à economia brasileira", disse ele.

Mais do que isso, foram vários os participantes que se recusaram a aceitar uma atitude conformada em relação à recessão que o conferencista Paulo Rabello de Castro abordou em sua palestra. "O Rabello vem, a cada conferência que faz, reduzindo a intensidade da luz que se poderia vislumbrar no fim do túnel. Parece-me fundamental, contudo, que todos estejamos dispostos a aceitar que há sempre uma margem de manobra para se evitar a catástrofe", disse um dirigente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. A propósito, foi unânime a opinião de que a economia e



Pedro Malan

a sociedade brasileira não suportarão mais um ano de recessão.

O professor Pedro Malan, da PUC-Rio, que coordenou os debates em Belo Horizonte, foi feliz quando provocou os participantes com o que ele chama de "álibi da exogenia", atrás do qual, segundo ele, as autoridades têm-se protegido de medidas mais consistentes. O auditório mineiro tinha acabado de assistir, com muita atenção, à palestra do professor Luciano Coutinho, sobre a conjuntura internacional.

Concordou-se mais uma vez, com facilidade, em que as autoridades brasileiras devem resistir à tentação de "simplesmente esperar que uma recuperação da economia norte-americana, em 1983, nos salve do desastre". Os empresários sugerem que o governo conte menos com os efeitos dessa recuperação e passe, desde já, a repensar a atual política econômica, de modo a se ganhar algum tempo. Além disso, sugeriu-se que, se tal recuperação efetivamente não acontecer, a economia brasileira terá convivido com taxas elevadas de juros reais "simplesmente em vão".

Foi dentro desse tema que o presidente da Bolsa de Valores de Minas Gerais-Espírito Santo-Brasília, Fernando Resende, opinou que as autoridades repensem a vinculação das taxas de juros internas às externas. "Seria proveitoso", disse ele, "que se permitisse, pelo menos, que se dialogasse sobre essa questão e que se estudassem, com profundidade, quais seriam as alternativas para romper com essa vinculação."

Foi a partir de um debate sobre a necessidade de uma visão de longo prazo e de um planejamento negociado e firmemente mantido que o auditório acabou desembocando na questão da credibilidade. E, como era inevitável, a política cambial centralizou a queixa dos presentes. Depois de se concordar sobre a necessidade da aceleração das minidesvalorizações, alguém

lembrou que, "diante do quadro que enfrentamos e da necessidade de exportar, é fundamental que a política cambial, além de mais realista, seja o mais possível confiável".

E o dirigente financeiro de uma grande empresa estrangeira informou que, até hoje, sua matriz não tinha entendido como foi possível que ninguém tivesse previsto a maxidesvalorização adotada em 1979 com pelo menos nove meses de antecedência. E que, a partir daí, decidiu trabalhar sem dívida externa, "para nunca mais levar esse tipo de susto".

Repensando '82

Mais de seiscentos empresários e executivos participaram do "Repensando-82", promovido ontem pela Gazeta Mercantil simultaneamente em dez capitais brasileiras. Em cada uma delas, um economista coordenou os debates que se seguiram às três conferências transmitidas em circuito fechado de televisão, via satélite, dos estúdios da Embratel, no Rio.

Na última parte do programa, os participantes das várias praças dirigiram perguntas cruzadas para os economistas coordenadores.

Em Porto Alegre, o programa foi coordenado pelo professor Adroaldo Moura da Silva, da USP; em Fortaleza, pela professora da UFRJ Sulamis Dain; em Brasília, por Celso Luiz Martone, da USP; em Salvador, por João Manoel Cardoso de Mello, da Unicamp; em Florianópolis, pelo professor João Sayad, da USP; em Curitiba, por José Júlio Senna, da FGV; em Recife, por Luciano Coutinho, da Unicamp; no Rio de Janeiro, por Luiz Gonzaga Beluzzo, na Unicamp; em São Paulo, por Paulo Rabello de Castro, da FGV; e em Belo Horizonte, por Pedro Malan, da PUC-Rio.